

Afinal devedores se unem para enfrentar credores

DIRCEU M. COUTINHO

14 FEV 1989

ESTADO DE SÃO PAULO

A dívida externa brasileira tem sido focalizada nesses últimos dias, sob dois aspectos: 1) considerar o valor da dívida com o deságio de 65%, que é quanto está valendo no mercado secundário qualquer título brasileiro, conforme recente decisão do Grupo dos Oito; 2) os países desenvolvidos fariam doação de 35% da dívida total (115 bilhões de dólares), desde que o Brasil se comprometa a aplicar a diferença (65%) na preservação e proteção da floresta amazônica.

Diz o consagrado "The New York Times", em editorial no qual lançou esse esquema, envolvendo a Amazônia, que a única resistência é do presidente José Sarney... Mas, se o presidente dos Estados Unidos for contra a declaração de guerra à URSS, é porque o país também o é, obviamente. O mesmo acontece no Brasil.

É evidente que esta proposta do maior jornal do mundo tem alguns poderosos políticos norte-americanos por trás, liderados pelo senador democrata de Colorado, Thimothy Wirth, o mesmo que ouviu pessoalmente do presidente brasileiro um solene Não a essa idéia maluca de internacionalizar a região amazônica. Agora ele procura jogar a opinião pública e órgãos de divulgação contra o Brasil para alcançar seus objetivos demagógicos.

E o jornal pressiona o Brasil para aceitar a proposta, sem explicitar se os bancos credores privados topam a parada. Ou o jornal está também tentando pressioná-los?

E o jornalão vira jornalzinho quando desce à fofoca: que o ministro das Relações Exteriores, Abreu Sodré não concorda com a resistência do presidente Sarney, que estaria preferindo seguir "conselheiros militares nacionais". Uma feia e maldosa conotação com as esquerdas brasileiras, que, na verdade, não cheiram e nem piaram na questão. Têm certeza.

Mas, é melhor a gente tratar do outro aspecto da nossa dívida externa, que me parece mais realista do que a fantasia ecológica do "NYT". Trata-se do pagamen-

to pelo valor vigente no mercado secundário, que atualmente está com deságio em torno de 65% a 70%.

É a decisão do Grupo dos Oito, reunido em Caracas, na Venezuela, que contou com a participação também do Brasil, Argentina, Colômbia, Peru, Paraguai e México tendo em vista que o Panamá está temporariamente suspenso.

O que não se entende é que os credores sempre — sempre mesmo — atuaram em bloco, enquanto os países devedores agiam isoladamente, parecendo um confronto de formiga e elefante. O presidente João Figueiredo, inexplicavelmente nos seus seis anos de governo militar, recusou — talvez por influência de militares conservadores — a formação de bloco para negociar com os credores. Doce ingenuidade... ou burrice?

O presidente da Venezuela, Carlos Andres Perez, foi escolhido pelos seus colegas para atuar como porta-voz do Grupo dos Oito. Vai tentar o pagamento da dívida dos países pelo valor vigente no mercado secundário. Tratará da questão em nome dos países, que devem 430 bilhões de dólares!

É bom lembrar que o total da dívida dos países do Terceiro Mundo atinge a soma de US\$ 1,3 trilhão!

Os resultados preliminares destes contatos do presidente Andres Perez serão já examinados na reunião marcada para dias 10 e 11 de março, a nível de ministros; e, em abril, haverá, em Granada, na Espanha, a reunião do Grupo dos Oito com os 12 países da Comunidade Econômica Européia.

A propósito, o Grupo dos Sete (EUA, Japão, Alemanha Ocidental, Grã-Bretanha, Itália e Canadá) adiou para abril a reunião para decidir sobre as taxas de câmbio e a dívida externa do Terceiro Mundo. Ou é coincidência ou é já o primeiro resultado da decisão do Grupo dos Oito.

O presidente da Venezuela, conforme ficou deliberado, vai dialogar com os EUA, a Comunidade Econômica Européia e com o Japão. Advinha onde ele encontrará maior dificuldade? Evidentemente será no Japão, por que eles estão selixando com a crise econômica dos sul-americanos! É só aguardar e conferir.